

UM BREVE ESTUDO DA HISTÓRIA DE TRANSMISSÃO DO RELATO DE VIAGEM DE ULRICO SCHMIDL

Thissiane Fioreto (UNESP/UFGD)

thifioreto@yahoo.com.br

Cristina Mascarenhas da Silva (UNESP/UFGD)

cris_mascarenhas07@hotmail.com

RESUMO

Este artigo se propõe a apresentar um breve estudo da complexa história de transmissão do relato de viagem de Ulrico Schmidl. Trata-se de um relato de viagem escrito por um soldado bávaro, natural da cidade de Straubing e que pode ser considerado um dos primeiros historiadores da região do Prata. Sua aventura, que durou cerca de dezessete anos, começa em 1536, quando chega ao Rio da Prata numa expedição comandada por Pedro de Mendoza, e termina em 1553, quando parte do porto de São Vicente rumo à Europa. Ao retornar a sua terra natal, Schmidl escreve seu relato de viagem descrevendo as terras do Novo Mundo e narrando alguns dos fatos vivenciados por ele, neste período, em solo americano. O relato, conhecido popularmente como *Viaje al Río de la Plata*, foi escrito originalmente em alemão e, posteriormente, ganhou traduções em latim e em espanhol. Suas várias versões em várias línguas distintas fazem com que, a partir das conhecidas lições da crítica textual, permitam que nasça o questionamento: qual seria o texto mais próximo em relação a vontade do autor? A resposta busca ser encontrada nos resultados da pesquisa que se apresentará.

Palavras-chave: História de transmissão. Relato de viagem. Crítica textual.

1. *O relato de uma longa viagem*

Um soldado bávaro passa 17 anos em uma expedição na América do Sul e, ao regressar à Europa, relata suas impressões sobre essa terra e conta sobre os principais acontecimentos por ele vividos nesse período. Essa poderia ser uma boa temática para uma história de ficção, mas é o que, supostamente, aconteceu com Schmidl.

Ulrich Schmidl¹¹² foi um soldado bávaro alemão, natural de Straubing, que integrou a frota comandada pelo adelantado Pedro de Mendoza, e que permaneceu no sul da América por 17 anos (1536 – 1553). Os períodos anteriores e posteriores a sua passagem pela América são muito pouco documentados e os escassos indícios são conflitantes.

Alguns historiadores defendem que Utz, como é chamado por

¹¹² O nome do cronista causa conflitos, por vezes sendo usado como Schmidel, Schmidt, Schnirdel e até Fabro, este último usado no texto em latim.

muitos autores argentinos, partiu para o Novo Mundo como agente dos banqueiros alemães e que sua obra teria sido escrita com a finalidade de informá-los sobre a situação da região, embora isso nunca tenha sido confirmado. Sabe-se, no entanto, que o alemão se alistou voluntariamente como soldado, partindo de Cádiz para integrar uma das embarcações que compunham a frota de Pedro de Mendoza.

Durante os anos em que ficou na América, chegou a exercer o cargo de sargento-arcabuzeiro e alguns postos de confiança, entretanto, na maior parte do tempo, foi apenas um soldado. Ao retornar à Europa, teria renunciado ao catolicismo e adotado os princípios da Reforma Protestante, iniciada por Martin Lutero em 1517. Por isso, teria sido forçado a abandonar sua cidade natal e se estabelecer no centro de Regensburg.

O relato se inicia com a partida da expedição, que passou por regiões pertencentes à Coroa Portuguesa, e chegou à foz do rio da Prata em fevereiro de 1536. No decorrer da obra, o autor descreveu os principais momentos do início da presença europeia na região sul da América, muitos dos quais ele teria estado presente. Narra os percalços pelos quais passaram os europeus até chegar à região do Prata, o contato com os indígenas e descreve a fundação dos primeiros povoados espanhóis na região sul do Novo Continente que, anos mais tarde, integrariam países como Argentina, Paraguai e Brasil.

O autor apontou a busca por metais preciosos, sobretudo ouro, como sendo o principal objetivo dos europeus, além da expansão da fé católica e o fortalecimento de posições estratégicas como forma de tentar evitar a presença de navios de outras nacionalidades.

Schmidl narra desde episódios considerados míticos, como a busca pelo reino das Amazonas e o Príncipe Dourado/Eldorado, até episódios históricos e políticos, como a chegada do adelantado Pedro de Mendoza à região, seus feitos e os principais conflitos do período em que a região esteve sob seu comando; conta sobre a expedição comandada por Gonzalo de Mendoza a terras brasileiras em busca por alimentos e sobre a expedição comandada por Juan Ayolas para o interior do continente a procura da *Sierra de La Plata*, e descreve ainda os conflitos e a disputa entre Domingo Martinez de Irala e o adelantado Alvar Núñez Cabeza de Vaca pelo comando da região. Conta também sobre a fundação da cidade de Assunção e Buenos Aires, bem como os percalços pelos quais passou esta última no conflito entre Irala e Cabeza de Vaca.

Segundo Kalil (2008, p. 152-153), em meados do século XIX, os

países da América do Sul, sobretudo a Argentina, passaram a buscar elementos que auxiliassem na construção da legitimidade nacional, e, por isso, relatos coloniais, como a *Viaje al Río de la Plata* e outros documentos do período, ganharam relevo e notoriedade histórica, embora muito ainda se discuta sobre sua confiabilidade. No caso da crônica de Schmidl, em especial, as desconfianças aumentam sobremaneira devido ao grande número de edições do documento, inclusive em vários períodos e idiomas distintos.

2. Em busca da história de transmissão do relato de Schmidl

As linhas anteriores narram de modo sucinto o que (supostamente) vivenciou em sua viagem (1536-1553), ao sul do continente americano, o soldado bávaro Ulrich Schmidl e o que ele teria registrado desta viagem.

A primeira edição de seu texto, que pode ser considerado um Relatório de Viagem, foi lançada, em alemão, em 1567, e depois disso, o texto foi reeditado, muitas vezes, inclusive em outras línguas, como latim e espanhol, por exemplo.

No entanto, toda história contada e recontada várias vezes tem a tendência a ser alterada. Segundo as lições da crítica textual “um texto sofre modificações ao longo do processo de sua transmissão... a cada cópia que se faz de um texto, a constituição deste muda – seja por ato involuntário, seja por ato voluntário de quem o copia.” (CAMBRAIA, 2005, p. 1)

Sendo assim, por tratar-se de um documento de notória relevância histórica, sem falar dos estudos linguísticos possíveis, a história de transmissão deste relato vem sendo investigada por vários pesquisadores interessados em compreendê-la e em chegar, na medida do possível, à versão mais próxima da vontade última do autor. O intuito destas páginas, portanto, não é estabelecer um *stemma* deste documento, tarefa impossível em tão poucas páginas, mas apenas contribuir para esta o estabelecimento de uma história de transmissão, sobretudo, ao registrar as versões em português existentes do relato que não se encontram contempladas nos estudos realizados até o momento.

O ponto de partida para compreender a história de transmissão de um documento seria a busca de seu original. Segundo o historiador Luis Guilherme A. Kalil (2008, p. 59) existem três manuscritos do relato em

questão nas cidades alemãs de Hamburgo, Stuttgart e Munique e grande parte dos pesquisadores que se dedicou ao seu estudo considerou o manuscrito de Stuttgart como sendo o único escrito pelo próprio autor, ou seja, o único testemunho autógrafo. Ainda segundo Kalil, um dos pesquisadores, Joahannes Mondeschein, descreveu o manuscrito considerado original.

La Real Biblioteca Publica en Stuttgart conserva en la sección destinada a manuscritos históricos en cuarto bajo el número 153 un cuaderno de papel en cuarto pequeño (Klein-Quart) que sobre ciento veinte hojas contiene el primero borrador de su viaje de letra de Ulrico Schmidel. Este se compone de cuatro partes ligadas bajo una tapa de pergamino para la cual fue usada el fragmento de un necrologio. Tras una hoja sin numeración siguen las fojas 1-87, luego a causa de una lectura equivocada 83-87 por duplicado, tras esta 88-113. Entre las hojas 101 y 102 se ha cosido una hoja en cuarto menor con la descripción de una serpiente. La letra es grande y fuerte, bonita y bien legible (...) El manuscrito proviene del capítulo Komburgo cerca de Schwabisch-Hall y como la mayoría de los manuscritos comburguenses existentes en la Biblioteca de Stuttgart, formó probablemente en tiempos pasados parte de la biblioteca fundada por el erudito humanista de Franconia Erasmus Neustaetter, nombrado Stuermer (1522 – 1595), coetáneo de Schmidel (KALIL, 2008, p. 59)

Corroborando a afirmação de que o manuscrito de Stuttgart seria o testemunho autógrafo, o editor argentino Edmundo Wernicke, em sua tradução para o espanhol do relato, apresentou o argumento que, segundo ele, comprovaria definitivamente a autenticidade deste manuscrito, a comparação de sua caligrafia com a de um requerimento assinado por Schmidl enquanto esteve na América (KALIL, 2008, p. 59).

Há ainda relatos isolados de que Levinus Hulsius, um dos primeiros editores da obra de Schmidl, possuía uma quarta versão, mas isso não chegou a ser confirmado.

Todavia, é necessário destacar que há alterações significativas entre os textos dos diferentes manuscritos, como, por exemplo, a exclusão de trechos considerados repetidos ou truncados, a divisão da obra em capítulos, a introdução de expressões religiosas e de citações de autores clássicos, entre outras. Tais diferenças permitem perceber com maior clareza o processo de escrita da obra e também permitem observar como ela foi lida por alguns copistas que tentavam corrigir e alterar o texto de Schmidl para adaptá-lo ao que consideravam ser o esperado pelo público leitor de relatos de viajantes, gênero bastante comum naquele momento.

Os pesquisadores Kloster & Someer (1942, p.18), no estudo que realizaram sobre a passagem de Utz por terras pertencentes à Coroa Por-

tuguesa, hoje Brasil, explicam que

O manuscrito original encontra-se hoje em Stuttgart. Dele foram tiradas várias cópias que divergem umas das outras. Wernicke, com o fim de distinguir o valor de autenticidade das cópias primitivas e das publicações subsequentes, deu o grau 100 para o original, sendo, entretanto, certo que já a primeira cópia impressa em Francfort sobre o Meno, em 1567, só recebeu o grau 75. Seguem-se os manuscritos de Munich e Hamburgo com o grau 70, e finalmente, o manuscrito Nuremberg, que Hulsius utilizou para a sua tradução latina, avaliada, apenas, em 50.

É consenso entre os estudiosos, portanto, que o manuscrito original e autógrafa é o de Stuttgart. A história do soldado bávaro começa a ser contada e recontada com a primeira edição do Relato de Viagem que foi lançada, em alemão, por Martín Lechler, sem preâmbulo e sem epílogo, em 1567, na feira do livro da cidade de Frankfurt, como parte integrante de uma coleção de viagens organizada por Sigmund Feyerabend e Simon Hüters e a qual, segundo Wernicke, já teria perdido cerca de 25% da fidelidade ao texto original.

O relato de viagem de Utz foi mais uma vez publicado em alemão quando, em 1597, integrou a sétima parte das *Grands Voyages*. As *Grands Voyages* formavam um material heterogêneo que o editor buscou adaptar a um público formado majoritariamente por protestantes. Essa adaptação não contou apenas com a inclusão de ilustrações, mas, também, com outros meios, como a inclusão de prefácios e a omissão de trechos. Historiadores como Janice Theodoro defendem que os grandes temas dessa coleção eram a denúncia e o combate à intolerância, e que o editor buscava em seus volumes uma interlocução com alguns setores do catolicismo.

Já a edição em latim da *Viaje al Río de la Plata* foi publicada pela primeira vez em 1599, pela casa impressora da família De Bry, comandada, naquele momento, por Johan Theodor e Johan Israel, filhos de seu fundador, que havia morrido no ano anterior, sendo reeditada posteriormente pelos de Bry no início do século XVII (1625). Essa tradução para o latim foi feita, em 1597, a pedido da Casa de Bry, pelo professor Gotard Arthus, conforme explicação do prólogo da edição inglesa

*The first translation was done into Latin by Professor Gotard Arthus, for Theodore de Bry's **Collection of Voyages**, 1597, and when Levinus Hulsius prepared his collection, in 1599, he found so many defects in it, that, instead, of adopting it, he preferred translating it afresh.* (DOMINGUEZ, 1891, p. 22-23)

Ainda em 1599, Levinus Hulsius, amigo da família De Bry, dedi-

cou o 4º volume da sua coleção de crônicas ao relato de Schmidl. Por não concordar com a tradução de Arthus e julgá-la ruim, ele optou por realizar uma nova tradução para o latim. Sua coleção foi editada na cidade de Nuremberg, e depois republicada em 1602 e, posteriormente, em 1612.

A essa edição latina de Levinus Hulsius foram adicionadas 18 imagens, incluindo um mapa da região sul da América, que possuem, em sua maioria, o nome dos locais e grupos indígenas retratados, além do número do capítulo em que cada ilustração se baseou. Acredita-se que essa tenha sido a versão que teve o maior número de edições e marcou a recepção do livro, devido talvez, em parte, às gravuras que a acompanhavam.

Observe-se que o próprio Hulsius escreveu uma advertência a seus leitores, informando que a obra de Schmidl teria sido corrigida a partir da comparação com outros relatos de viajantes, isso para que tivesse certeza de que seu conteúdo estava em conformidade com aquilo que diziam os historiadores espanhóis, italianos e franceses sobre as terras do Novo Mundo.

Seis anos depois, a crônica de Schmidl foi novamente retomada, sendo incluída na *Historia Antipodum oder Neue Welt*. Obra idealizada por Mattäus Merian e executada pelo compilador Johann Ludwig Gottfried, que resumiu e reuniu diversas narrativas sobre o Novo Mundo em um único volume, com quase duas centenas de gravuras já presentes em livros anteriores.

Até o início do século XVII, a crônica de Schmidl foi reeditada diversas vezes, tanto em latim quanto em alemão. Acredita-se na existência de 17 publicações entre 1567 e 1655, no entanto, o interesse inicial pela obra, concentrado especialmente na região alemã, não se manteve. No século XVIII foram realizadas traduções também para o holandês (1706) e para o espanhol (1731 e 1749) e, ao longo do século XIX, versões em francês (1837) e em inglês (1841). O historiador paraguaio Efraim Cardozo identificou 42 publicações do relato de Schmidl até meados do século XX. (KALIL, 2008).

3. As traduções para o português.

Embora Schmidl tenha andado por terras da Coroa Portuguesa, hoje Brasil, em virtude, sobretudo, da viagem que fez de Assunção a São Vicente para regressar à Europa, e tenha registrado isso em seu texto, até

recentemente poucos estudos existiam sobre ele em língua portuguesa e, na verdade, nenhuma tradução do texto, na íntegra, de fato conhecida.

Um dos poucos estudos realizados a partir do texto de Schmidl, além de algumas poucas dissertações de mestrado e teses de doutorados recentes, é o estudo geográfico realizado por W. Kloster e F. Sommer (1942). Neste estudo os autores buscaram explicar quais foram as regiões por onde Utz passou no Brasil, com quais tribos indígenas ele teve contato e, principalmente, quais as características geográficas destas regiões por onde ele passou. Para auxiliar seus leitores, Kloster e Sommer confeccionaram, inclusive, mapas que ajudam a compreender a narrativa que o alemão faz de suas andanças em solo brasileiro.

No entanto, embora esse seja um estudo importante para os interessados em compreender melhor a aventura de Schmidl, ele pouco contribui para a história de transmissão do documento, uma vez que os autores publicaram apenas o final do relato em língua portuguesa (capítulos 50-53), parte que os interessava por narrar justamente a viagem de Assunção a São Vicente.

Para facilitar, porém, para os falantes de língua portuguesa que desejam conhecer o texto de Utz, recentemente, duas traduções de seu relato de viagem foram publicadas na íntegra: em 2006 e em 2011.

Em 2006, o pesquisador Mário Sérgio Lorenzetto, ao lançar seu livro *Cabeza de Vaca e os mitos de seu tempo*, nele publicou um anexo, com uma tradução inédita realizada por ele a partir de uma versão do relato Schmidl em língua espanhola. Embora a personagem central do livro seja Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, sua história e seus feitos, o texto de Utz é o documento fundamental que registra as realizações personagem, neste período, na região do Prata.

Já em julho de 2011, integrou o terceiro box da *Coleção Documentos Históricos de Mato Grosso do Sul*, a republicação do estudo geográfico realizado por W. Kloster e F. Sommer (1942) e a tradução do texto de Schmidl assinada por Klaus Wagner. Essa coleção, de iniciativa do governo do estado de Mato Grosso do Sul, e organizada pelos professores Gilson Rodolfo Martins (UFMS) e Paulo Roberto Cimó Queiróz (UFGD) e pelo ex-secretário da Fazenda de Mato Grosso do Sul, Mário Sérgio Lorenzetto, foi confeccionada com o intuito de apresentar ao público textos/documentos importantes para a *História e Memória do Estado de Mato Grosso do Sul*. A publicação do texto se justifica, desta forma, porque Utz, em sua passagem em solo brasileiro, andou pelas terras

do que hoje se conhece como terras sul-mato-grossenses e os autores Kloster e Sommer reservaram em seu estudo um capítulo só para analisar a peregrinação de Utz por essas terras.

A grande surpresa, entretanto, está nessa tradução assinada por Klaus Wagner e desconhecida, até agora, da maioria dos estudiosos sobre o assunto em língua portuguesa. Em nota, o tradutor explica apenas ter se baseado na edição de Levinus Hulsius, de 1602. Quando consultados, os organizadores da coleção também não souberam dar muitas informações a respeito deste tradutor, que já chegou a ser cogitado, até mesmo, como um pseudônimo.

4. Considerações finais

Estabelecer a história de transmissão de um texto não é tarefa fácil, pelo contrário, no entanto, é tarefa necessária para se apurar a fidedignidade de um documento.

É fato, também, que toda história, ao ser contada e recontada, tem a tendência a ser alterada. Todo texto, ao ser copiado, é alterado, quer seja de forma voluntária, quer seja de forma involuntária.

Com o relato de viagem em questão, depois de tantas edições, reedições e traduções, a história de transmissão se apresenta extremamente complexa e o intuito destas páginas foi, na medida do possível, lançar luzes a essa história, sobretudo, quando apresenta traduções inéditas em língua portuguesa.

Muito ainda precisa ser pesquisado e discutido a respeito dessas traduções, averiguar sua qualidade e confiabilidade – e é o que se pretende fazer nas próximas etapas dessa pesquisa – mas é inegável a contribuição que elas apresentam para os estudiosos do assunto e leigos, que agora tem livre acesso a obra a partir de sua tradução para a língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DOMINGUEZ, Luis L. *The conquest of the river plate (1535-1555)*. Voyage of Ulrich Schmidt to the Rivers la plata and Paraguai – from the

original german edition 1567. London: Hakluyt Society, 1891.

KALIL, Luis Guilherme Assis. *A conquista do Prata: análise da crônica de Ulrich Schmidl*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2008.

KLOSTER, W. SOMMER, F. *Ulrico Schmidl no Brasil Quinhentista*. São Paulo: Tipografia Gutenberg, 1942.

LORENZETTO, Mário Sérgio. *Cabeza de Vaca e os mitos de seu tempo*. Campo Grande: Fiuza, 2006.

MARTINS, Gilson R.; QUEIRÓZ, Paulo Sérgio C.; LORENZETTO, Mário Sérgio (Orgs.). *Relatos da conquista do Rio da Prata e Paraguai: 1534-1554 Ulrico Schmidl*. Campo Grande: Governo de Mato Grosso do Sul, 2011.